

## Práticas discursivas e identitárias em *blogs* femininos

Leila Karla Morais Rodrigues Freitas\*

**Resumo:** Face à relevância que a problemática da(s) identidade(s) goza nos dias atuais, em decorrência da emergência de novas práticas discursivas viabilizadas pelos ambientes virtuais, este trabalho visa abordar os processos de produção identitária e os modos de constituição do sujeito, configurados discursivamente em *blogs* femininos. Acredita-se que o rastreamento e a análise dos discursos que a mulher faz circular sobre si mesma contribuirão para uma compreensão mais acurada acerca da mulher contemporânea. Pretende-se ainda aludir à questão das condições de produção que possibilitam a aparição de novas práticas/discursos sobre a identidade feminina nesse momento autorizando a mulher a adentrar na ordem do (desse) discurso, considerando a relação entre discurso, história e memória. Para tanto, reportamo-nos ao Método Arqueológico de Foucault que consiste basicamente na descrição do modo como os saberes de uma época se formam, determinando as condições de instituição de “verdades”.

**Palavras-chave:** *Blog*; Identidade; Prática discursiva; Mulher; Pós-modernidade.

**Abstract:** Given the relevance of the identity (ies) issue (s) enjoys these days, due to the emergence of new discursive practices made possible by virtual environments, this paper aims to address the processes of production and modes of identity formation of the subject, discursively configured on women's blogs. It is believed that the tracking and analysis of the discourses that circulate about the woman herself will contribute to a more accurate understanding about the contemporary woman. This work also reports on the conditions of production that enable the emergence of new practices / discourses about female identity at this time allowing a woman to enter the (that) debate speech, considering the relationship among discourse, history and memory. In this sense, Foucault's Archaeological Method is here explored, which basically describes how knowledge of a such time is constructed, determining the conditions for "truth" imposition.

**Keywords:** Blog; Identity; Discursive practice; Woman; Postmodernity.

### 1. Considerações iniciais<sup>1</sup>

A identidade é uma das questões mais em voga na atualidade. A então denominada pós-modernidade — imponente — impetrou mudanças radicais em todas as esferas sociais, incidindo-se, inclusive sobre o campo pessoal. Assim sendo, o indivíduo pós-moderno teve a sua vida alterada sensivelmente, tendo que se adaptar aos modelos recém-estabelecidos — o que constitui, grosso modo, um desafio considerável.

---

\* Mestranda em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (PPGL/UERN). Membro integrante do Grupo de Estudos do Discurso da UERN (GEDUERN). E-mail: [leila.km@hotmail.com](mailto:leila.km@hotmail.com). Artigo produzido em Outubro de 2010.

<sup>1</sup> Este artigo é fruto de uma pesquisa que teve início em 2009 e que ainda se encontra em andamento.

Nesse cenário em que a re(des)construção parece ser a palavra de ordem, o sujeito que se nos apresenta não é mais o mesmo de outrora. Aquele indivíduo uniforme, centrado e ‘dono de si’ deu lugar a um sujeito cindido, múltiplo, incompleto, na condição de eterno devir. A ideia do sujeito cartesiano, embora ainda remanescente no seio social ainda hoje, sobretudo nas entranhas das estruturas de poder por meio das instituições sociais, não tem mais o respaldo que tivera no passado. Atualmente, as evidências apontam para um movimento de descentramento do sujeito.

Em virtude da impossibilidade de estabilização, unificação, o sujeito da pós-modernidade ou modernidade tardia é um sujeito muito mais complexo, incalculavelmente mais diverso que aquele. É consenso hoje entre os estudiosos a prerrogativa de que na contemporaneidade vivencia-se o que se convencionou chamar de “crise de identidade”. De acordo com Hall, tal crise se assenta fundamentalmente no fato de que: “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno” (2006, p. 7).

Vale ressaltar que, aqui, quando falamos em identidade, não estamos pensando-a enquanto entidade eminentemente social, tomada em sua acepção sociológica, fundamentalmente próxima da noção “vulgar” de papel social<sup>2</sup>. Se assim o fizéssemos estaríamos nos remetendo a uma categorização na qual a identidade assume um caráter prescritivo, fixo, estável. A discussão que ora estabelecemos se orienta num sentido exatamente contrário. Nossa concepção é a de que ela é uma entidade cambiante, volátil, erigida no e pelo discurso, tomado como prática (discursiva) social.

Partindo da premissa, acima referendada, de que a identidade não é um todo coeso, tampouco um *a priori*, mas, longe disso, uma espécie de *devir*, este trabalho visa abordar os processos de produção identitária e os modos de constituição do sujeito feminino no *blog*, configurados discursivamente. Acredita-se que o rastreamento e a análise dos discursos que a mulher faz circular sobre si mesma contribuem para a identificação de algumas das identidades femininas encenadas em nossos dias e, por conseguinte, para uma compreensão

---

<sup>2</sup> A utilização do termo vulgar para alusão à noção de papel social não está aqui imbuída de qualquer conotação pejorativo-depreciativa. A opção pelo seu emprego se deu, tão-somente em virtude da certa dose de popularidade sob a qual este goza. Longe de nós empreendermos qualquer atitude no sentido de subjugar esta ou aquela corrente teórica e/ou ciência. No caso em questão, papel social associado à identidade social corresponde a uma categoria analítica que difere da linha adotada neste trabalho, atrelada preferencialmente à Análise do Discurso.

mais acurada acerca da mulher contemporânea, a partir de quem ela mesma diz ser. No artigo alude-se ainda à questão das condições de produção que possibilitam a aparição de novas práticas/discursos sobre a identidade feminina nesse momento, autorizando a mulher a adentrar na ordem do (desse) discurso, considerando a relação entre discurso, história e memória. Para tanto, reporta-se ao Método Arqueológico de Michel Foucault que consiste basicamente na descrição do modo como os saberes de uma época se formam, determinando as condições de instituição de “verdades”.

A título de esclarecimento, este trabalho está ancorado no edifício teórico da Análise do Discurso francesa, especialmente nas discussões travadas por Foucault (1998a; 1998b; 2005); Carvalho (2008); Orlandi (2002) e Fernandes (2005). No prumo multidisciplinar, as discussões de Hall (2006; 2009); Bauman (2005); Schittine (2004); Lobo (2007) e Santaella (2007) encorpam nossa abordagem. Compõem o *corpus* deste trabalho 02 (dois) dos quatro *blogs* pesquisados na ocasião da produção do nosso TCC da Graduação em Letras, donde extraímos excertos que, a nosso ver, figuraram como subsídios relevantes aos objetivos analíticos que ora nos movem. Os resultados, embora minimamente ilustrativos, (re)afirmam a hipótese central levantada aqui, a saber, de que o *blog* figura como *locus* privilegiado na contemporaneidade para a produção identitária, sobretudo para as mulheres que encontram nele uma possibilidade efetiva de se constituírem enquanto sujeitos de si.

Quanto à estrutura, este trabalho está disposto em quatro tópicos. No primeiro deles discorre-se sobre a natureza do Ciberespaço, espaço onde se erige o *blog*. No segundo, discute-se em que medida o *blog* pode ser concebido como uma prática discursiva identitária. Posteriormente, aborda-se a questão de como se inscreve a identidade feminina no *blog*. No ensejo, alude-se de modo bastante breve a problemática de gênero, com destaque para o papel histórico da mulher na sociedade. Por fim, o último tópico é destinado às análises propriamente ditas, estando nele apresentados os recortes que perfazem o *corpus* deste trabalho. Somam-se a isso, algumas considerações que tomamos não como palavras finais, mas adicionais ao conjunto de toda a discussão.

## **2. Da natureza do Ciberespaço**

O Ciberespaço apresenta-se, na atualidade, como uma das manifestações mais emblemáticas da denominada pós-modernidade. Erigido sob o viés da virtualidade – uma

categoria traçada num âmbito diferente do real – o Ciberespaço consiste num espaço alternativo de sociabilização, efetivado graças à internet – no qual os indivíduos podem firmar relacionamentos de toda sorte; relacionamentos estes jamais possíveis antes do seu advento. De fato, o ambiente virtual representa para o indivíduo um lugar por excelência onde podem ser construídas outras relações sociais, agora, porém, sem a preocupação com os limites fronteiriços e/ou territoriais. Talvez seja essa a principal razão pela qual tantas pessoas têm aderido à participação nesse espaço. Nele, os usuários dispõem de muito mais liberdade que em sua esfera da vida real. O tempo e o espaço possuem uma outra conotação, de modo que não se precisa estar necessariamente próximo, face-a-face com o outro para que se estabeleça uma ligação, para que o encontro entre afins seja efetivado.

Para além disso, o Ciberespaço viabiliza a coexistência de uma vida paralela ao indivíduo que, uma vez imerso nesse universo, passa a protagonizar situações, dar vida a “personagens” e, para tanto, precisa assumir identidades, sejam elas individuais e/ou coletivas. Tais identidades, por seu turno, tanto podem coincidir com as suas identidades “reais”, encarnadas no âmbito da sua vida “física”, como podem ser completamente distintas, fruto da criação, de sua imaginação – haja vista que no Ciberespaço abre-se possibilidade para tal.

Nessa perspectiva, o ambiente virtual favorece o surgimento de práticas discursivas inovadoras que dão vazão a estatutos alternativos de identidades e singularidades, promovendo, dessa forma, uma verdadeira revolução no que tange aos processos de constituição dos sujeitos. Em harmonia com o que vimos discutindo, Lúcia Santaella, exímia estudiosa no assunto, nos lembra que:

(...) a novidade do ciberespaço não está na transformação de identidades previamente unidas em identidades múltiplas, pois a identidade humana é, por natureza, múltipla. A novidade está, isso sim, em tornar essa verdade evidente e na possibilidade de encenar e brincar com essa verdade, jogar com ela até o limite da transmutação, da metamorfose; enfim, da “mutamorfose” identitária ( SANTAELLA, 2007, p. 97).

A aceitação desse novo ambiente – o Ciberespaço – enquanto veículo de existência em outra esfera (a virtual) parece ser incontestável. Prova disso é número expressivo de adesões à rede que cresce a cada dia. São milhares de pessoas em todo o mundo que se mantêm conectadas pelos delicados fios da internet. Muitas delas, não apenas acessam-na,

como ferramenta de propagação e busca do conhecimento, mas participam ativamente desse novo universo de diversas formas. São exatamente essas pessoas – hoje aos milhares – as verdadeiras responsáveis pelos fenômenos que se transformaram as várias modalidades de expressão dispostas na rede, tais como os sites de relacionamentos, os *chats* e os *blogs* ou *Ciberdiários*, objeto específico da nossa análise, ao qual nos deteremos doravante.

### 3. Do *blog* como prática discursiva identitária

O *Weblog* é um dos dispositivos de maior destaque no interior da *Blogsfera*<sup>3</sup>. Surgido em meados dos anos noventa, o *blog*, como é popularmente conhecido, vem, gradativamente, crescendo em número de usuários. Grosso modo, ele responde por um diário – mesmo sob a lápide virtual, – o que nos remete logo à ideia de intimidade, de privacidade. E é nesse prisma que ele é conceituado, conforme nos diz Schittine (2004), sobretudo na sua gênese, quando se destinava à escrita de foro privado, pessoal, sendo, por muito tempo tido como uma espécie de continuidade do diário tradicional, escrito à mão no papel.

Ante o exposto, partimos da proposição de que o *blog* é um lugar de exercício de/para a constituição identitária, que se realiza via discurso, sempre entendido como prática (discursiva) como nos assevera Foucault (2005). Ademais, a impessoalidade que caracteriza as relações na interface do computador, antes de inibirem, sugere a emergência de (novos) estatutos de subjetividade na medida em que, no universo virtual, o diarista pode travestir-se de formas variadas, misturando elementos verídicos a elementos ficcionais. Entretanto, mesmo nesses casos em que o limite entre o real e a fantasia é bastante tênue, segundo Schittine (2004) é sempre possível flagrar aspectos “essenciais” da subjetividade, componentes identitários contidos nessa *pensata*.

No universo blogueiro, por exemplo, o ciberdiarista exerce sua(s) identidade(s) das mais variadas formas. Ora ele é autor, ora se faz leitor – quando se insere nas “redes de segredo”. Além do fato de que ele pode ainda integrar diversos diários virtuais concomitantemente, consoante suas áreas de interesse e/ou atuação. A título de ilustração, há diaristas que mantêm paralelamente dois, três ou até mais *blogs*, bem como há aqueles que

---

<sup>3</sup> *Blogsfera* é o termo utilizado por alguns estudiosos, tais como Schittine (2004) para referir-se ao universo onde se situam os *blogs* no interior das malhas da internet, ou, melhor dizendo, do Ciberespaço.

colaboram com a escrita de blogs coletivos, alimentados por várias pessoas que, na grande maioria das vezes sequer se conhecem fora dos muros digitais.

Ainda a despeito do *blog*, é importante salientar que o *blog* é um fenômeno tipicamente feminino, conforme nos afere Schittine (2004), apesar de contar com a adesão de homens e mulheres de faixas etárias e perfis diferentes. Nele, comumente as/os escreventes expõem aspectos de sua vida, (re)inventam-se, revelando facetas (reais) ou, no mínimo, verossímeis de si. O argumento defendido pela pesquisadora Luiza Lobo nos soa contundente nesse aspecto. Para a autora, “o *blog* é o palco onde se ensaia a mudança num teatro de novas identidades” (2007, p. 117).

#### **4. Da inscrição da identidade feminina no *blog***

A hipótese central sobre a qual nos ancoramos neste trabalho é de que o *blog* consiste em um *locus* proeminente para a constituição de novas práticas discursivas na pós-modernidade, através das quais os indivíduos, paulatinamente, se constituem enquanto sujeitos e embrenham-se na produção de identidades e subjetividades.

Esse argumento se torna ainda mais sólido se pensado em relação à mulher, cuja identidade tem na renegação seu traço mais distintivo. A mulher, como se sabe, carrega em seus ombros as marcas da exclusão e da sujeição, de modo que por longas décadas teve sua voz calada, seu discurso silenciado. Sua história, como bem nos lembra a feminista Joan Scott (1995) fora, durante muito tempo, preterida pela História Oficial ancorada na lógica patriarcal — ganhando visibilidade somente com a eclosão do movimento Feminista na década de 60. A partir desse momento, novas práticas discursivas foram postas em cena acerca da mulher no intuito de desestabilizar velhos discursos que alicerçavam a identidade feminina até então e, com isso, produzir novos sentidos em torno do “ser mulher”.

Nesses termos, o *blog* emerge como um espaço alternativo onde a ela (a mulher) é facultada a fala, o discurso, a “escolha”<sup>4</sup> dos perfis identitários com os quais estabelece uma relação de identificação por si mesma e com os quais pretende que sua imagem seja associada. Assim sendo, nosso olhar se volta(rá) para os modos pelos quais a identidade — ou melhor, identidades — é(são) inscrita(s)/circunscrita(s) no *blog* pela mulher nessa conjuntura histórico-

---

<sup>4</sup> O fato de termos grafado o termo escolha entre aspas se deve a nossa compreensão, respaldada nas considerações teórico-conceituais de Foucault sobre a relação entre o sujeito e o discurso, para quem o sujeito não é jamais livre em sua completude, posto que seja o discurso que o constitui e não o inverso.

social que atende pelo nome de pós-modernidade. Interessa-nos, aqui, não fazer uma espécie de catalogação dos perfis identitários mais recorrentes na *blogsfera*, mas discutir as condições postas nesse momento específico que possibilitam a emergência da (dessa) prática discursiva e agendamento identitário da/para e pela mulher.

### 5. Análise do corpus

Passamos agora a analisar a inscrição identitária feminina no *blog* mediante o discurso, guiados pelas prerrogativas conceituais acerca das quais vimos discorrendo até então. Nossa análise conta com 02 (dois) *blogs* femininos, selecionados dentre os 04 (quatro) sobre os quais nos debruçamos na nossa pesquisa atinente ao TCC da Graduação. À guisa de informação, a pesquisa teve duração de 06 meses, ao longo dos quais, tomamos como objeto de investigação, conforme já dissemos, 04 *blogs* mantidos por mulheres. Resultou dessa pesquisa nossa produção monográfica. Partindo das análises empreendidas na citada Monografia, sobretudo dos elementos que, aos nossos olhos, figuram como os mais significativos frente aos aspectos enfocados aqui, optamos por fazer esse recorte, donde nos utilizamos apenas de 02 desses Ciberdiários, crendo ter podido equacionar de modo satisfatório os dois trabalhos (o Monográfico e o Artigo) sem ferir em essência nenhum deles. Damos fé que os *blogs*, ora eleitos, representam uma amostra significativa de elaborações identitárias femininas configuradas discursivamente nos dias de hoje.

Blog 1 – Eu queria ser Amélia



Figura 1

Nesse primeiro *blog*, nossa observação parte do seu título. “Eu queria ser Amélia” nos chama atenção *a priori* pela referência à figura de Amélia, mulher cujo nome fora homenageado com uma letra de música<sup>5</sup> no Brasil nos anos 1940 e que, mesmo meio século depois continua sendo (re)cantada por diversos artistas. Amélia, encenada na canção do compositor Ataulfo Alves, representava o arquétipo da mulher<sup>6</sup> apregoadado até aproximadamente meados do século XX; uma mulher submissa, subserviente, devotada unicamente às questões do lar, à família e ao esposo. Um modelo de mulher silenciada e silenciosa que era capaz de sobreviver aos piores infortúnios em nome da preservação do seu matrimônio, pelo zelo do bom nome da família.

O fato é que até hoje o nome de Amélia é citado como exemplo de mulher a ser seguido, significando uma tentativa de perpetuação do discurso patriarcal ocidental para quem a mulher deveria viver para o casamento e para a manutenção do lar. Esse discurso, no entanto tem sido redimensionado, sobretudo após a luta encabeçada pelo Movimento feminista que luta arduamente a fim de desconstruir essa proposição.

O discurso da “Amélia”, capturado de outras esferas e reconfigurado na blogosfera soa, no mínimo intrigante, haja vista sua veiculação num espaço de expressão tão pós-moderno como a internet. A princípio, imaginamos logo que se trataria de um *blog* “machista”, pautado na paradigmática divisão dos sexos e dos papéis sociais deles resultantes. Todavia, preconceitos à parte, passemos à análise das outras partes que o constituem.

---

<sup>5</sup> A letra da música, intitulada *Ai que saudade de Amélia*, data de 1941. Sua composição atribui-se a Ataulfo Alves.

<sup>6</sup> Não se conhece ao certo a origem dessa tal Amélia. Segundo informações de terceiros, Amélia fora uma carioca, residente do subúrbio do Realengo, no Rio de Janeiro, empregada doméstica da já falecida cantora Aracy de Almeida e que, por tanta dedicação, fora digna dessa honraria. As informações da nota anterior e dessa foram retiradas do site *samba-choro* cujo endereço é: <http://www.samba-choro.com.br/s-c/tribuna/samba-choro.0107/1226.html>

The image shows a Blogger profile for a user named 'Olly'. On the left, there is a 'Foto' section with a small portrait of a woman and a link 'Ver tamanho ampliado'. Below that is the 'Estatísticas do usuário' section, which includes a table:

Membro do Blogger desde	Outubro de 2007
Visualizações de perfil (aproximadamente)	3.600

On the right, the name 'Olly' is displayed in a large font, followed by the location: 'Local: São Paulo : Morumbi : Brasil'. Below this is the section 'Quem sou eu', which contains a long, informal paragraph of text describing the user's interests and personality.

Figura 2

Na figura 2, ainda do *Blog* da Amélia, o perfil apresentado pela blogueira não corrobora com as expectativas emergidas a partir da denominação do seu site. Em consonância com a imagem da “Amélia”, apenas alguns fragmentos, algumas fagulhas de apontamentos vagos. Em contrapartida, a “identidade feminina” que nos é apresentada é uma identidade paradoxal, ou melhor dizendo, são identidades contrastantes, plurais. Olly, como se apresenta a autora do “Eu queria ser Amélia” faz menção a diversas circunstâncias de sua vida, dos eventos mais corriqueiros aos mais inusitados. A partir de sua voz, suas preferências e repúdios são negociados. Os dilemas da mulher moderna, imersa num mundo marcado pela dinamicidade das relações nos são apresentados. Olly parece captar o que Hall (2006) e Bauman (2005) já haviam percebido acerca da construção identitária como algo sempre inconcluso.

Sua(s) identidade(s), nesse sentido, inscrevem-se, flutuam no imenso emaranhado que compõe as teias das relações sociais. Suas falas advêm de diversos lugares, conforme suas posições-sujeito assumidas a cada momento, de modo que, ora ela deixa falar a profissional – economista no caso – com seus anseios e angústias peculiares, ora deixa falar a “moleca” como ela mesma se refere que ainda mantém traços de criança, que gosta de diversão e ora fala ainda a esposa.

No que tange à identidade “esposa” é que parece residir o elemento mais conflitante no convívio das suas identidades. Olly sinaliza certa dificuldade em administrar todas elas. A impressão que Olly nos transmite é de que o título do seu blog expressa muito mais que um

fato concreto – no caso um ser “Amélia” de acordo com as premissas que o termo denota – representando antes disso um desejo. Um desejo de reviver aquela época em que as mulheres dispunham de todo o seu tempo em casa. Um tempo que, se comparado ao de hoje, é tido como mais “apaziguador” em virtude do próprio estilo de vida da época, uma vez que hoje a mulher conta com uma sobrecarga de exigência. A mulher pós-moderna não se livrou das funções domésticas, mas pelo contrário aglutinou-as a muitas outras nas outras esferas da vida sociocultural. .

Cabe ressaltar que, esse paradoxo expresso por Olly reflete sua inserção em diferentes correntes discursivo-ideológicas que, uma a uma apresenta suas próprias contradições internas. Além disso, seu desejo tímido de retorno ao passado não se trata de um discurso inaugural, mas pelo contrário, resvalam discursos já circundantes, erigidos a partir de uma série de outros discursos que compõem as correntes discursivas que versam sobre o feminismo, sejam no sentido de “defendê-lo” ou de “condená-lo”. Como um discurso Outro, ele resulta de movimentos realizados no interior da própria corrente que, uma vez tomada em seu caráter híbrido, embarga movimentos contraditórios, conflitos e rupturas.

### Blog 2 - **Toda mulher precisa**



Figura 3

No segundo *blog*, o título mais uma vez desperta nossa atenção, parecendo-nos, no mínimo bastante sugestivo. Além de suscitar a curiosidade, sobretudo dos sujeitos que se sentem pertencentes ao universo identitário feminino, ele reporta-nos a uma ideia de “mulher” una, singular, genérica. Sua denominação se apresenta para o público como uma espécie de fórmula mágica, como se tudo de que qualquer mulher precise ou deseje saber, falar pudesse ser elencado num só espaço, naquele espaço para sermos mais precisas. Ao fazer uso dessa estratégia a blogueira Karla Gisele — como assim se nos apresenta — ignora a possibilidade

de diversificação no constructo identitário da “mulher”, negociando uma visão monolítica similar a corrente na sociedade e divulgada pelo paradigma patriarcal já discutido em momento anterior.

Além desses elementos visuais que imprimem uma marca pessoal ao *blog*, encontramos o texto prescritivo que atesta o blog como um espaço voltado para a mulher moderna, daí a apresentação dos múltiplos “domínios” da mulher. Isso, a nosso ver, constitui um paradoxo que reflete as inúmeras influências discursivas às quais a blogueira, enquanto sujeito discursivo imerso no seio da sociedade está submetida. Seu discurso revela o pertencimento a mais de uma rede discursiva, o que traduz-se, grosso modo, em certo conflito, soando-nos como contradição. Na verdade, ora Karla parece-nos inscrever-se e inscrever suas consortes “mulheres” num universo uniforme, monolítico semelhante ao arquétipo ainda tão apregoado socialmente, ora parece-nos caminhar em sentido inverso, inscrevendo a feminilidade num constructo outro, a saber, no constructo da modernidade, plural, cambiante, dinâmico, móvel.



**Foto**

[Ver tamanho ampliado](#)

**Contato**

- [Minha página da Web](#)

**Estatísticas do usuário**

Membro do Blogger desde	Junho de 2009
Visualizações de perfil	92

**Karla Gisele**

- Idade: 32
- Sexo: Feminino
- Signo astrológico: Gêmeos
- Ano do zodíaco: Cobra
- Atividade: [Ensino](#)
- Profissão: [Pedagoga](#)

**Quem sou eu**

Pedagoga, mãe e esposa dedicada. Determinada, extrovertida, forte, vaidosa, autêntica e apaixonada. "Minha alma tem o peso da luz. Tem o peso da música. Tem o peso da palavra nunca dita, prestes quem sabe a ser dita. Tem o peso de uma lembrança. Tem o peso de uma saudade. Tem o peso de um olhar. Pesa como pesa uma ausência. E a lágrima que não se chorou. Tem o imaterial peso da solidão no meio de outros." (Clarice Lispector)

Tenho fé em Deus e em mim mesma. Busco constantemente minha evolução profissional, pessoal e social, me divirto com os meus sentimentos e pensamentos. Ainda mencionando Clarice, "Sou como vc me vê. Posso ser leve como uma brisa ou forte como uma ventania. Depende de quando e como você me vê passar".

**Figura 4**

No excerto 4 novamente é flagrante a contradição da “fala” da escrevente. Mediante sua auto definição, Karla Gisele delinea seu perfil a partir de diversas referências, remetendo dessa forma ao enquadramento identitário numa vertente de feminilidade multiforme, em diferentes jeitos de “ser feminino”, anulando quase que por completo a premissa negociada logo no princípio do seu espaço que proclamava a ideia de unidade identitária de gênero.

Além da contradição perceptível na produção do(s) seu(s) discurso(s), nos parece clara a disposição funcional do *blog* para a escrevente. Ela o utiliza exatamente como sugeríamos no início do nosso trabalho, como um espaço destinado à prática e à propalação discursiva sobre si e sobre o mundo feminino de maneira geral, donde se evidencia, sem o dispêndio de muito esforço, a íntima relação entre os seus discursos e seus agenciamentos identitários e subjetivos.

Tanto é verdade, que Karla Gisele, aproveitando-se do espaço que dispõe no *blog*, aproveita-o para fazer uso do que Momesso (2004) denomina de *marketing* pessoal<sup>7</sup>. De acordo com a autora esse recurso é muito habitual na *Blogsfera* e diz respeito a mecanismos de desnudamento do sujeito. Nessa ordem, a partir dessa estratégia, a(o)s blogueira(o)s deixam desvelar suas particularidades, partículas de si como numa espécie de oferecimento de mercado, de modo que, através da representação de si, a(o) blogueira(o) estivesse lançando mão de investimentos rumo à sua aceitação junto ao seu público.

## 6. Considerações adicionais

Os argumentos relatados ao longo deste trabalho nos dão provas de que um novo cenário se configura na pós-modernidade, alterando, sensivelmente os modos de ser e estar no mundo. Como vimos, não há mais espaço para se falar em Identidade como entidade una. “Ao invés de pensarmos sobre identidade como a fato já concluído, (...) devemos pensar sobre identidade como uma ‘produção’, que nunca está completa (...)” Hall (2006, p. 222). A identidade, de qualquer ordem, não é inata, mas construída e reconstruída num movimento constante mediante práticas discursivas que, por seu turno, se inscrevem em relações de poder (FOUCAULT, 1998b) que as legitimam e lhes concedem sua posição na escala da hierarquia relacional.

No que respeita à Identidade Feminina, seu campo é historicamente demarcado por uma gama de “discursos de verdade” relacionados ao campo das proibições. Como ligeiramente relatado, esses discursos vêm sendo (re)constituídos através de práticas

---

<sup>7</sup> *Marketing pessoal*, a nosso ver, se aproxima muito da proposição desenvolvida por Schittine (2004) segundo a qual, os diaristas virtuais se utilizam de mecanismos (estratégias) com vistas a alcançar a adesão do público. O que difere substancialmente nas formas de abordagem são, sobretudo, as referências. Esse conceito se aproxima ainda da noção de *ethos* discursivo embargada por Maingueneau (2008).

discursivas “possíveis” como os viabilizados pelo Movimento Feminista em curso há cerca de quatro décadas e os erigidos no *blog*, agora na contemporaneidade.

De fato, nossa hipótese central, ao que nos parece, fora confirmada. As possibilidades de constituição identitária no *blog* são inúmeras e, aproveitando-se disso, as mulheres que se aventuram no universo blogueiro, exploram ao máximo essa potencialidade. Através da “encenação” de vários “eus”, elas se transmutam, podendo vir a serem muitas ao mesmo tempo e, com isso (des)constroem, (re)afirmam ou (re)negam antigas imagens, dão relevo a outras num labor que se assemelha ao trabalho realizado para dar forma a uma colcha de retalhos. Como resultado, tem-se o entrecruzamento de diversos agenciamentos identitários nos quais as escreventes se inscrevem.

Entretanto, é importante consignarmos que, mesma aparentemente envolta em dilemas e conflitos quanto à sua elaboração identitária, não resta dúvida de que o sujeito mulher pós-moderno é absolutamente outro. Outro no sentido de que, ela convive numa época em que sua voz pode ser proferida em vários espaços sociais, diferentemente de outrora. Voltando nosso olhar perscrutador para as condições de produção tal como nos aconselha Foucault em sua *Arqueologia* (1998a), nos deparamos com a então aclamada pós-modernidade e suas novas configurações. No entanto, não podemos/devemos esquecer de que as condições ora postas não são frutos do acaso, mas sim de uma batalha inserida na esfera do discurso, que por seu turno, se insere nos jogos relacionais de poder-verdade que tudo contém.

De qualquer modo, a entrada da mulher na ordem do (desse) discurso no universo blogueiro representa um marco significativo tanto para a mulher em si quanto para os arranjos discursivos sociais em geral. Ela representa o enfraquecimento de certas forças que por tanto tempo se mantiveram intactas em sua posição hegemônica, aos moldes de uma muralha que se pretendia intransponível.

## 6. Referências

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto de Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2005.

BLOG EU QUERIA SER AMÉLIA. Disponível em < <http://www.euqueriaseramelia.blogspot.com> > acesso em 27/07/10.

BLOG DA MULHER PRECISA. Disponível em < [http:// www.todamulherprecisa.com](http://www.todamulherprecisa.com) > acesso em 28/07/10.

FERNANDES, C. A. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1998a.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 13 ed. 1998b.

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LOBO, L. **Segredos públicos**: os blogs de mulheres no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

MAINGUENEAU, D. A propósito do *ethos*. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (org.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 11 a 29.

MOMESSO, M. R. *Weblogs*: a exposição de subjetividades adolescentes. In: SARGENTINI, Vanice; NAVARRO-BARBOSA, Pedro. **Foucault e os domínios da linguagem**: discurso e poder, subjetividade. São Carlos: Claraluz, 2004.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 4. ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2002.

SANTAELLA, L. Subjetividade e Identidade no Ciberespaço. In: **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: ed. Paulus, 2007.

SCOTT, J. "**Gênero: uma categoria útil de análise histórica**". Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, 1995.

SCHITTINE, D. **Blog**: comunicação e escrita íntima na internet. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.